

INVESTIDA RECORRENTE

PF aponta que Bolsonaro se reuniu 14 vezes com chefes das Forças enquanto debatia golpe

DANIEL GULLINO
E RENATA AGOSTINI
globo.com

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) estava informado com a derrota na eleição quando se reuniu com os três comandantes das Forças Armadas no Palácio da Alvorada em 1º de novembro de 2022, dois dias após o segundo turno. Naquele momento, os chefes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica ouviram pela primeira vez a discussão se haveria alguma maneira de intervir e o resultado das urnas ser questionado. Não seria a última vez em que o ex-presidente discutiria o plano golpista, de acordo com a investigação da Polícia Federal (PF) sobre a tentativa de manter Bolsonaro no cargo.

Os registros de entrada do Palácio da Alvorada que constam no inquérito mostram 14 oportunidades em que ao menos um dos três comandantes das Forças estiveram no local. Em pelo menos quatro encontros, Bolsonaro citou opções para concretizar o plano, como decretar Estado de Sítio, Estado de Defesa e operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), conforme depoimentos dos próprios militares.

A investigação revelou que a trama golpista incluiu abordagens insistentes à cúpula das Forças Armadas, num movimento que, segundo o inquérito, teve anuência do então ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, e do comandante da Marinha, o almirante Almir Garnier Santos. Os 37 militares figuram entre os 37 indiciados pela PF.

ATUAÇÃO NOS BASTIDORES

Para os investigadores, a tentativa de golpe de Estado só não se concretizou porque houve resistência dos comandantes do Exército, general Marco Antônio Freire Gomes, e da Aeronáutica, o tenente-brigadeiro do ar Carlos Baptista Júnior. Os dois foram ouvidos como testemunhas no caso e a colaboração deles foi fundamental para esclarecer parte dos planos de Bolsonaro no fim de seu governo, segundo a PF.

Dos encontros registrados após a derrota nas urnas, quatro tiveram a presença dos três comandantes. Em cinco ocasiões, dois compareceram e, em outras cinco, havia somente um deles. Freire Gomes, do Exército, foi o mais assíduo: esteve no Alvorada 12 vezes. Almir Garnier, da Marinha, foi ao local em oito oportunidades, e Baptista Júnior, da Aeronáutica, esteve cinco vezes com o então presidente.

No período, Bolsonaro estava recuado no Alvorada, mas ativo nos bastidores. A primeira das reuniões com os comandantes ocorreu logo em 31 de outubro, um dia após a derrota eleitoral. Freire Gomes e Garnier estiveram no local, em horários separados,



Barreira. Bolsonaro participa de cerimônia ao lado do então comandante do Exército, general Freire Gomes; PF aponta que ex-mandatário insistiu na trama golpista em reuniões com chefes das Forças

ENCONTROS COM OS COMANDANTES NO ALVORADA



tras reuniões com dois dos comandantes (veja na linha do tempo ao lado).

Bolsonaro parecia ter recuperado o ânimo no dia 14 de novembro, como notaram os comandantes em depoimento. Pela segunda vez, os três estiveram juntos no Alvorada e ouviram de Bolsonaro e seus auxiliares os achados de um relatório produzido pelo Instituto Voto Legal, que apontava falsamente para problemas no sistema de votação do país (mais detalhes na página 6). Para os chefes das Forças, ficou evidente ali que o presidente seguia acalentando o desejo de reverter a vitória de Lula.

URNAS ELETRÔNICAS NA MIRA

A partir daí, as conversas se intensificaram. Nos dias 17 e 22, há novo registro de reuniões com os três comandantes, além do ministro da Defesa. Em um desses encontros, também estava presente o presidente do Instituto Voto Legal, Carlos Rocha.

No dia 24, houve mais um encontro, que não consta nos registros do Alvorada, mas foi confirmado pelo GLOBO. Foi um dos mais tensos do período: Bolsonaro expôs ideias para um decreto que, entre outras coisas, permitiria uma intervenção no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e abriria espaço para prisões de rivais políticos. Garnier se colocou à disposição, Baptista Júnior protestou e Freire Gomes ameaçou prender Bolsonaro caso o plano fosse adiante, conforme depoimentos colhidos pela PF. A defesa de Garnier afirmou que "reitera a inocência do investigado, esclarecendo que ainda não teve acesso integral aos autos".

Apesar do embate, os comandantes ainda tiveram de resistir às sugestões golpistas em pelo menos outros dois momentos. Em 7 de dezembro, Bolsonaro voltou a tratar da "minuta golpista" com o ministro da Defesa e os chefes do Exército e da Marinha. Nesse, também estava no encontro Filipe Martins, então assessor da Presidência e apontado como um dos responsáveis por redigir o decreto golpista.

O chefe da Força Aérea Brasileira (FAB) estava fora de Brasília e não participou. Por isso, foi chamado no Ministério da Defesa uma semana depois, no dia 14 de dezembro, para uma reunião juntamente com os demais comandantes. Na ocasião, o ministro Paulo Sérgio disse que tinha uma minuta em mãos para "revisão". Baptista Júnior questionou se o conteúdo do documento levaria à ruptura democrática e recusou-se a vê-lo. Foi acompanhado nos protestos por Freire Gomes e deixou a sala, segundo seu relato à PF.

A última entrada de Freire Gomes no Alvorada ocorreu em 15 de dezembro, quando esteve no local por 1h15m. A PF afirma que, entre outras coisas, permitia uma intervenção no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e abriria espaço para prisões de rivais políticos. Garnier se colocou à disposição, Baptista Júnior protestou e Freire Gomes ameaçou prender Bolsonaro caso o plano fosse adiante, conforme depoimentos colhidos pela PF. A defesa de Garnier afirmou que "reitera a inocência do investigado, esclarecendo que ainda não teve acesso integral aos autos".

mas próximos, no fim da tarde daquela segunda-feira. No dia 1º de novembro, houve o primeiro encontro com os três comandantes juntos.

Depois, Bolsonaro voltou a chamar Freire Gomes e Almir Garnier no dia seguinte, 2 de novembro, para um encontro à tarde na residência oficial. O

presidente se mostrava lamunoso, indignado com a derrota e até "deprimido" nessa época, segundo auxiliares. Nos dias seguintes, houve ou-

